

“A NOSSA VENDÉIA”: CANUDOS, O MITO DA REVOLUÇÃO FRANCESA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADE CULTURAL NO BRASIL (1897-1902)*

*Roberto Ventura***

RESUMO

São aqui analisados os artigos e reportagens sobre o conflito de Canudos, escritos por Euclides da Cunha em 1897, e seu livro de 1902, Os sertões; Campanha de Canudos. Esses textos são abordados segundo três aspectos: a) a relação entre cultura e extracultura, b) a construção (problemática) de identidade nacional, c) a ambivalência entre identificação etnológica e distanciamento etnocêntrico. É enfocada a articulação entre tais aspectos e a projeção do modelo da Revolução Francesa sobre a história nacional nos primórdios da República brasileira.

Unitermos: cultura brasileira – literatura oral – movimentos messiânicos – República brasileira – Revolução Francesa.

“(...) não temos ainda uma história. Não aventuro um paradoxo. Temos anais, como os chineses. (...) Mas o seu discurso é obscuro – e desdobra-se tão mecanicamente e sobremaneira monótono que não nos permite ouvir, através do estilo incolor dos que a escreveram, a longínqua voz de um passado que entre nós falou três línguas.”

Euclides da Cunha¹

1. A REVOLUÇÃO FRANCESA COMO HISTÓRIA UNIVERSAL.

“Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o

(*) Realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agradeço as observações de Luiz Costa Lima, Hans Ulrich Gumbrecht, Ursula Link-Heer e Silvano Santiago.

** Professor na Área de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP.

(1) CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos* (1907). Porto, Chardron, 1923, p. 272.

último embate aos que a perturbam”.² Revelando o fervor republicano de Euclides da Cunha, a frase se encontra na série de artigos e reportagens de 1897 sobre a guerra de Canudos, em que o conflito entre as forças do Exército e os seguidores de Antonio Conselheiro é interpretado a partir da projeção do modelo da Revolução Francesa sobre a história brasileira. A comparação se torna patente no título dos dois primeiros artigos da série, escritos por Euclides em São Paulo, antes de ser enviado a Canudos como correspondente de *O Estado de S. Paulo*: “A nossa Vendéia”, a Vendéia, episódio da história universal, tal como manifestado na história nacional. De modo semelhante à Revolução Francesa, ameaçada de março de 1793 a fevereiro de 1795 pela sublevação camponesa, de caráter realista e católico da região da Vendéia, estaria a recém proclamada República brasileira em perigo, a partir da manipulação política do movimento de Canudos por uma conspiração monárquico-restauradora: “Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império”. (p. 167) Aprofundando a metáfora, conclui:

“A justeza do paralelo estende-se aos próprios revezes sofridos. A Revolução francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários da Vendéia (...). Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. A República sairá triunfante desta última prova”. (p. 167)

Representado de forma paradigmática por um conjunto de acontecimentos e atores históricos englobados sob a designação genérica de “a Revolução Francesa”, o processo de liquidação do *Ancien Régime* se manifestaria de forma paralela na sociedade brasileira, justificando o emprego da metáfora da Vendéia. Colocam-se aí duas questões: a universalização da Revolução Francesa, que adquire um *caráter exemplar*, e a inserção de sociedades nacionais (no caso, a brasileira) em um modelo normativo de história universal. A superposição de ambas as questões traz à tona a problemática acerca da função e sentido que paradigmas de ação e pensamento (a Revolução Francesa e a ideologia liberal-republicana) adquirem quando deslocados de seus contextos sócio-históricos de origem. Deve-se indagar sob que formas, condições e limites, o paradigma da Revolução *Francesa* se converte em modelo de uma revolução *nacional*: trata-se, como colocou J. Guilhaumou a respeito das relações entre a tradição jacobina e o pensamento marxista, da possibilidade de construir, através da tradutibilidade entre duas culturas nacionais, uma “repetição identificatória da história”.³

Entre Euclides da Cunha e seus contemporâneos, a identificação com o mito revolucionário francês integra um fenômeno religioso e político, que deixa perplexas as populações e elites das cidades e do litoral, a um hori-

(2) CUNHA, Euclides da. *Canudos; Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939, p. 6. Reunião dos artigos e reportagens para o jornal *O Estado de S. Paulo*, de 7 de agosto a 26 de outubro de 1897.

(3) GUILHAUMOU, Jacques. Die Rezeption der Franzoesischen Revolution in den Texten des jungen Marx (1843-1848). In: Cerquiglioni, Bernard / Gumbrecht, Hans Ulrich (eds.). *Der Diskurs der Literatur-und Sprachhistorie*. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1983, p. 210-220.

zonte prévio de expectativas, permitindo classificar o movimento como “monarquista” e “restaurador”, o que assegura, pela crença na repetição da história, uma resolução pró-republicana ao conflito. A metáfora da Vendéia incorpora Canudos a uma história, a Revolução Francesa, vivida ao nível imaginário pelos republicanos brasileiros, expurgando dúvidas e incertezas coletivas quanto ao futuro nacional. A história da Revolução Francesa apresenta no Brasil de fins do século XIX um efeito mítico-ideológico enquanto estrutura fechada de perguntas e respostas, que assimila acontecimentos adversos a um horizonte em que *as perguntas e as respostas já estão dadas*. Com isso, pôde Euclides escrever, em meio às reviravoltas políticas provocadas pela expansão do conflito, frases retumbantes e retóricas como: “A República é imortal!”, ou: “Em breve pisaremos o solo onde a República vai dar com segurança o último embate aos que a perturbam”.⁴

Em 1902, cinco anos após a extinção militar do conflito com o massacre da comunidade, publica Euclides da Cunha *Os sertões: campanha de Canudos*. Nessa obra, a história da campanha de Canudos é retomada segundo uma perspectiva ensaística e historiográfica que, na tentativa de focar os fatores e leis, transforma, em suas palavras, o “tema” em “variante de assunto geral”: “os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”.⁵ Entretanto, mais notável do que a passagem do jornalismo ao ensaísmo historiográfico é a sua denúncia da campanha como “crime”, que o faz distanciar-se da metáfora da Vendéia e da ideologia liberal-republicana. Entre os artigos de 1897 e o livro de 1902, interpõe-se, com a sua cobertura “ao vivo” dos momentos finais da guerra, o contato não mediatizado pela propaganda republicana com a realidade de Canudos. Produz-se uma “reviravolta de opinião” (W. N. Galvão) através da reversão de seu horizonte prévio de expectativas e da conseqüente introdução, em seu discurso, de uma diferenciação crítica frene ao republicanismo. A partir de tal diferenciação, surge em Euclides a aguda, ainda que ambivalente, consciência da *especificidade* da formação social brasileira em relação aos modelos e temas da “história universal”.

A interação entre o acontecimento Canudos e o observador-narrador Euclides da Cunha representa caso paradigmático de constituição de *consciência nacional* e de *identidade cultural* no contexto brasileiro e latino-americano. Essa constituição pressupõe, em termos de América Latina, a incorporação de culturas extra-européias, de origem africana e indígena, a uma imagem integrada de “nação” e “cultura”. A investigação das mudanças de perspectiva operadas em Euclides, entre 1897 e 1902, revela as condições de emergência ou reformulação do conceito de *cultura nacional* e o caráter *problemático* dos processos correlatos de construção de identidade.

2. A REPÚBLICA DIVIDIDA.

Ingressando em 1885 no curso de engenharia da Escola Politécnica e transferindo-se em 1886 para a Escola Militar, participa Euclides de dois centros de modernização, em que encontrava ampla ressonância a propagan-

(4) CUNHA, Euclides da. *Canudos*, p. 6-7.

(5) CUNHA, Euclides da. *Os sertões; Campanha de Canudos* (1902). Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 87.

da republicana, voltada para a liquidação do Segundo Império brasileiro. A propaganda abolicionista e republicana se insere em um processo de ruptura, a partir de 1870, com os quadros ideológicos dominantes, por meio da incorporação da linguagem do liberalismo democrático e dos paradigmas positivistas, naturalistas e cientificistas.⁶ Nesse processo, engaja-se Euclides, escrevendo poemas e artigos de propaganda dos princípios revolucionários franceses, de que constituem exemplo os quatro sonetos dedicados a “Danton”, “Marat”, “Robespierre”, “Saint-Just”, tidos como personagens impercíveis na memória dos homens, numa seleção de líderes que indica o possível privilégio de uma interpretação jacobina de 1789. Em 1888, é expulso da Escola Militar, devido a ato de protesto contra a monarquia, só podendo retomar a formação militar com o advento do regime republicano.⁷

Proclamada em 1889 por um golpe do Exército, de escassa repercussão popular, a República brasileira se debate de 1889 a 1898 entre duas concepções políticas conflitantes: de um lado, o grupo de inspiração jacobina e positivista, favorável a ditadura militar centralizada, enquanto garantia contra os riscos de desagregação política e como forma de erradicar a dominação dos setores oligárquicos e de implantar, de cima para baixo, a modernização social; por outro, o movimento civilista e federalista, de embasamento liberal-democrático, partidário de governo descentralizado que permitisse às oligarquias estabelecer o controle civil do sistema político, convertendo-se, pela manipulação e coerção do voto popular, nas suas forças de decisão. Trata-se menos do conflito entre ditadura e democracia, como se poderia depreender de uma leitura liberal da história brasileira, mas da disputa em torno de duas compreensões igualmente pouco democráticas de república.⁸

De 1889 a 1894, predomina a concepção ditatorial de república, assumindo o Exército o papel de guardião da unidade nacional. O absolutismo do poder monárquico, cuja crítica sustentara o movimento republicano, acaba se encarnando, sem quebra de continuidade, nos governos ditatoriais dos Marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. No período deste último, de 1891 a 1894, atinge seu ápice a corrente militarista, através de uma ideologia de “salvação nacional”, o *florianismo*, fusão de princípios e elementos positivistas e jacobinos.

Analisando as questões políticas e historiográficas subjacentes à Revolução Francesa, aborda François Furet o jacobinismo como “forma clássica de consciência revolucionária”, por seu potencial de transformação dos indivíduos isolados em ser coletivo, o *povo*, erigido simultaneamente em legitimidade suprema e em ator imaginário único da revolução. Tendo suas origens em uma nova forma de *sociabilidade política*, a “sociedade de pensamento”, organiza-se o jacobinismo enquanto partido ou grupo político, apresentado como expressão direta e absoluta da vontade popular. Sob a ficção

(6) VENTURA, Roberto. Bacharéis em luta: literatura e sociedade na geração de 1870 brasileira. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, 44 (1/4): 89-106, 1983.

(7) GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco: Ensaios críticos*. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 65-68. Rabello, Sérgio. *Euclides da Cunha* (1946). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, p. 23-28.

(8) CARDOSO, Fernando Henrique. Dos governos militares a Prudente-Campos Sales. In: Fausto, Boris (ed.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1977. V. III/2. Leal, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto* (1948). São Paulo, Alfa-Ômega, 1975.

do “povo” e com base no modelo da democracia “pura”, exercida de forma direta através das sociedades e clubes, substitui-se o grupo jacobino à sociedade civil e ao Estado, o que explica, na história francesa, a formação da ditadura do *salut publique* do outono de 1793 ao 9 Termidor de 1794.⁹

A partir da influência do positivismo nas Escolas Militares, o jacobinismo assume no Brasil uma tendência militarista, pela identificação entre o Exército e a nação e da sobreposição da figura de Floriano Peixoto à imagem do ditador central proposto por Auguste Comte. Abriga-se o grupo jacobino sob o escudo militar, apresentando profunda desconfiança das lideranças civis e considerando o povo menos como soberano do que enquanto atributo da nação. Desponta evidente contradição entre os princípios liberais democráticos, base do Manifesto Republicano de 1870, e a efetiva instauração de formas ditatoriais de governo. A contradição é equacionada pelo Marechal Floriano em frase que constitui, por si só, um programa político:

“Como liberal, que sou, não posso querer para o meu país o governo da espada; mas, não há quem desconheça, e aí estão os exemplos, que ele é o que sabe purificar o sangue do corpo social, que, como o nosso, está corrompido”.¹⁰

Nessa dialética do liberalismo, assume a “espada” (o Exército) uma função mística de purificação do “sangue do corpo social”: a legitimidade da revolução e sua reivindicação de generalidade justificam o emprego de todos os meios para garantir a sua continuidade. Da fundação da liberdade pela espada, desponta a estrutura semântica que impõe e justifica a violência e o terror, levando à execução sumária dos implicados em revoltas antiflorianistas, como a federalista do Rio Grande do Sul, em cuja repressão se destacou o Coronel Moreira César, futuro comandante de expedição contra Canudos. Ao protestar pela imprensa em 1894 contra essa lógica do terror, manifestando-se contrário à morte dos prisioneiros da revolta da Armada pedida pelos jacobinos, incompatibiliza-se Euclides com os setores florianistas, então dominantes, o que o faz pedir licença do Exército, passando a dedicar-se à engenharia civil.

Na década de 1870, Antonio Conselheiro, o líder da comunidade rebelada contra a República, iniciara peregrinação pelo interior nordestino, fazendo pregações, organizando as populações para a construção de igrejas e cemitérios e reunindo, em torno de si, um crescente número de fiéis e seguidores. Com a proclamação da República, agravam-se seus conflitos com a ordem estabelecida, envolvendo o clero e o governo, preocupados com a expansão de sua influência. A partir da revolta contra as medidas laicizantes do novo regime, como a separação entre a Igreja e o Estado e a instituição do casamento civil, e contra os atos administrativos de cobrança de impostos e de recenseamento da população, politiza-se o antagonismo. Conselheiro se

(9) FURET, François. *Penser la Révolution Française*. Paris, Gallimard, 1979, p. 48, 102-103, 223-232. Gumbrecht, Hans Ulrich. *Funktionen parlamentarischer Rhetorik in der Französischen Revolution*. Muenchen, W. Fink, 1978. Cap. 4.

(10) Citação in: FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro* (1958). Porto Alegre, Globo, 1977, p. 486, v. 2.

instala, com seus seguidores, na fazenda abandonada de Canudos em 1893, onde funda vila que chega aos 25.000 habitantes em 1897.

O fracasso sucessivo de duas expedições enviadas contra Canudos amplia a questão a proporções nacionais, sendo o governo civil colocado sob forte pressão dos jacobinos e florianistas, que haviam perdido, com a ascensão de Prudente de Moraes em 1894, o controle do sistema político. A 3ª Expedição, formada em 1897 por 1.300 soldados, é entregue à direção do Coronel Moreira César, herói da repressão à revolta federalista e herdeiro, após a morte de Floriano Peixoto, da mística jacobina. A notícia de nova derrota, sob cujo impacto Euclides redige os artigos sobre a "nossa Vendéia", repercute de modo violento nas capitais, provocando as "jornadas jacobinas" no Rio de Janeiro, em que são destruídos jornais monárquicos. A resistência de uma comunidade religiosa é explicada a partir da hipótese política de uma conspiração restauradora, que estaria sustentando os rebeldes, o que leva os florianistas a colocarem em questão a capacidade do governo civil de conter a subversão monárquica.

O confronto entre os conselheiristas e o governo republicano traz à tona o conflito interno ao conceito de "república". A ênfase jacobina na existência de uma ampla conspiração monárquica visava à desestabilização do governo civil, encobrendo, através da imagem mítica de um poder republicano sem divisões, a verdadeira questão política, a disputa entre liberais e jacobinos e a articulação de um golpe destes contra aqueles, com o fim de recuperar o poder perdido em 1894. Se, como observa Raymundo Faoro, o governo Prudente de Moraes foi a "arena" onde a forma republicana encontrou o seu "molde"¹¹, constitui Canudos o ponto central deste processo, através da conversão da campanha militar em "cruzada" revolucionária de consolidação do regime.

Contando com o apoio do novo Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, paulista, adversário do florianismo e futura vítima de atentado jacobino contra o presidente, e do governador paulista Campos Sales, civilista que assumirá a presidência em 1898, reage o governo contra o grupo jacobino, reprimindo o levante da Escola Militar. Organizada pelo Marechal Bittencourt, cuja atuação será elogiada por Euclides em *Os sertões*, a quarta e última expedição, de que participam 8.000 homens dotados de moderno equipamento, representa a oportunidade da corrente civilista demonstrar sua eficiência repressiva e fortalecer a dominação civil oligárquica, sob a hegemonia de São Paulo, fundando as bases do sistema político brasileiro vigentes até 1930. Desta expedição, participa Euclides da Cunha como correspondente jornalístico, presenciando quase um mês de luta até a queda final de Canudos. Daí resultam as reportagens enviadas a *O Estado de S. Paulo*, reunidas posteriormente no volume *Canudos* (1939), e seu livro de denúncia da campanha, *Os sertões*.

Constitui *Os sertões* obra central do pensamento e da cultura latino-americanos, enquanto texto revelador da tensão entre particularismo e civilização, entre nacionalismo e cosmopolitismo, entre especificidade e universalidade. Tal tensão e dialética serão aqui abordadas segundo três aspectos: a) a relação entre *cultura* e *extracultura*; b) a construção (problemática) de *iden-*

(11) *Id. ibid.*, p. 561, v. 2.

tidade nacional; c) a ambivalência entre *identificação etnológica* e *distantamento etnocêntrico*. Será enfocada também a articulação entre tais aspectos e uma *recepção mítico-ideológica* da ideologia liberal e do modelo da Revolução Francesa.

3. DA INCULTURA À CONSTRUÇÃO DA CONTRACULTURA.

Em *Os sertões*, afasta-se Euclides da hipótese da conspiração política e, em termos relativos, da metáfora da Vendéia. Observa que o anti-republicanismo de Antonio Conselheiro constituía antes produto do que denomina "messianismo da raça", "variante forçada do delírio religioso", do que resultado de "intuito político" (p. 223). Desqualificando qualquer pertinência da oposição entre república e monarquia para a interpretação de Canudos, observa: "o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessíveis". A implantação do governo republicano não diria respeito aos sertanejos conselheiristas, que se encontrariam em "fase evolutiva" atrasada, caracterizada pelo predomínio de estruturas sociais clânicas e de lideranças de tipo messiânico ou carismático: "Está na fase evolutiva em que só é conceitual o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro" (p. 248).

Rompendo com o fervor ideológico de seus artigos de 1897 e fazendo a autocrítica de suas concepções anteriores, observa Euclides da Cunha sobre a introdução da forma republicana no Brasil:

"Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. (...) / E quando pela nossa imprevidência inegável deixamos que entre eles se formasse um núcleo de maníacos, não vimos o traço superior do acontecimento. Abreviamos o espírito ao conceito estrito de uma preocupação partidária. (...) / Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regímen, capaz de derruir as instituições nascentes. / E Canudos era a Vendéia..." (p. 248-249, grifos meus).

Entretanto, páginas adiante, a comparação entre a história francesa e a brasileira se restabelece de forma retificada: "Malgrado os defeitos do confronto, Canudos era a nossa Vendéia" (p. 282). O confronto é reintroduzido, no texto euclidiano, a partir da restrição de seus elementos semânticos: Vendéia e Canudos são aproximados do ponto de vista do meio adverso em ambos os casos, a um exército de grande porte, e do misticismo de seus participantes, sendo definitivamente afastada a hipótese política.¹² Esse tipo de retificação metafórica, freqüente na retórica antitética do autor, revela uma os-

(12) COSTA LIMA, Luiz. Nos sertões da oculta mimesis. In: _____. *O controle do imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

cilação terminológica e conceitual, possível efeito da ambivalência entre pressupostos universalistas e a construção de uma especificidade cultural e social nacional. Se, por um lado, ao apontar o deslocamento e enviesamento locais do liberalismo e do jacobinismo, critica as concepções difusionistas dos republicanos brasileiros; por outro, sua análise dos aspectos intrínsecos à nacionalidade (marginais quanto ao paradigma da história universal) tende à hipótese, de fundo evolucionista, acerca de um *atraso relativo* do processo civilizatório no meio brasileiro.

Se considerarmos que toda cultura define e delimita sua identidade a partir das relações entre ela e o campo do que lhe é culturalmente externo, pode-se afirmar que a questão básica, para Euclides, é a construção de um modelo interpretativo, capaz de dar conta das relações e conflitos entre uma dada cultura e aquilo que esta define como sua "extra-cultura". Essa construção tem o objetivo de evitar os equívocos advindos da projeção de critérios culturais e políticos (como a oposição entre monarquia e república) a contextos sociais em que estes não apresentariam pertinência, ou seja, não estariam linguística e ideologicamente marcados. Sua hesitação acerca da "justeza" ou "defeitos", enfim, da legitimidade da metáfora da Vendéia, indica a busca de uma perspectiva que permita incorporar ao discurso escrito, inserido em uma *episteme* pós-ilustrada (cientificista e naturalista), elementos culturais e sociais pertencentes a uma outra ordem. Trata-se, para ele, de indagar o estatuto desta ordem, de forma a defini-la como "contracultura" (cultura em relação de negação quanto ao paradigma da cultura oficial, mas reconhecida por esta como portadora de critérios próprios de estruturação e ordenação), ou enquanto "incultura" (reunião de elementos tidos como desprovidos de estruturação e ordenação, ou seja, agrupamento caótico de termos ausentes de função e sentido).¹³

Nos dois artigos intitulados "A nossa Vendéia", o messianismo religioso é reduzido ao estatuto de *incultura*, em que o homem, reflexo de uma natureza hostil, é caracterizado como "bárbaro", "impetuoso", "adversário traçoieiro", "sertanejo fanatizado", "tipo etnologicamente indefinido", e Canudos enquanto "povoação maldita", "sociedade obscura".¹⁴ Adotando perspectiva naturalista, influenciada por H. T. Buckle e H. A. Taine, aborda o homem e a sociedade sertaneja como figuras ausentes de dimensão própria, sujeitas à atuação direta dos fatores naturais e à manipulação política dos grupos monárquicos. Desenvolve, nos artigos posteriores, um conjunto de oposições polares e assimétricas que ratificam essa abordagem: à civilização opõe-se o atraso, ao litoral o sertão, à república a monarquia, ao soldado o jagunço.

Entretanto, no decorrer das reportagens, começam a se delinear os contornos de uma ordenação etnológica e sociológica dotada de relativa diferenciação quanto aos padrões de civilização "importada" dominantes nas cidades e no litoral. Ou seja, estrutura-se o esboço de uma cultura distinta, for-

(13) Emprego os termos "cultura", "incultura" e "contracultura" com base em: Lachmann, Renate. Rhetorik und Kulturmodell. In: Link, Juergen / Link-Heer, Ursula (eds.). *Literatursoziologisches Propädeutikum*. Muenchen, W. Fink, 1980. Sobre o conflito cultural em Euclides da Cunha, cf. Candido, Antonio. Euclides da Cunha sociólogo. In: *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 dez. 1952.

(14) CUNHA, Euclides da. *Canudos*, p. 166-167, 172.

mando-se uma perspectiva antropológica que toma o líder Antonio Conselheiro e a comunidade de Canudos de modo “sintomático”, enquanto sínteses dos “elementos negativos” do povo brasileiro.¹⁵ Através da perspectiva antropológica, atenuam-se as polaridades antitéticas, dando margem ao *simultâneo reconhecimento* do soldado republicano e do jagunço messiânico: “À audácia indômita do jagunço, contrapõe-se neste momento a bravura inegável do soldado” (p. 92).

Essa mudança de perspectiva provoca porém um progressivo impasse, manifestado na ausência de qualquer menção, ao longo das reportagens, de fatos por ele presenciados e que constituem o núcleo do livro-denúncia: a sistemática degola dos prisioneiros e o comércio de mulheres e crianças. Encerra-se a série, de forma enigmática, com um artigo em que são elogiados o batalhão do estado de São Paulo e o heroísmo histórico dos paulistas, o que indica sua possível opção política pelo grupo civilista paulista, sem serem narrados os dias e momentos finais da campanha – o que só ocorrerá posteriormente em *Os sertões*. O silêncio sobre tais fatos nas reportagens revela a ausência de perspectiva capaz de integrá-los a um horizonte interpretativo, tornando problemática a representação de atos de vingança e desforra do Exército. A percepção dos contornos de uma outra cultura e do potencial de violência inerente à sua cultura desarticula o seu quadro político-ideológico inicial, levando-o a crescente mutismo.

4. DA CONTRACULTURA À IRRUPÇÃO DA INCULTURA.

A “reviravolta de opinião” de Euclides da Cunha em *Os sertões* pode ser analisada enquanto reversão das oposições anteriores, construindo-se um novo esquema interpretativo que *não mais identifica como equivalentes* o litoral à cultura e o sertão à incultura. Por um lado, reconhece o autor os “sertões” como *contracultura*, dotada de estruturação distinta e historicamente defasada; por outro, procura apreender a irrupção da *incultura* (ou seja, da barbárie) em meio aos termos anteriormente designados de forma positiva. As assimetrias iniciais cedem lugar às simetrias relativas entre o litoral e o sertão, a república e a monarquia, o Exército e Canudos, Moreira César e Antonio Conselheiro, o florianismo e o messianismo. Enquanto nas reportagens escrevia, “Daí a significação superior de uma luta que tem nesta hora a vantagem de congregar os elementos sãos da nossa terra e determinar um largo movimento nacional tonificante e forte”;¹⁶ no livro-denúncia, deixa de pensar Canudos como elemento externo à nacionalidade, considerando-o parte integrante de uma nação dividida entre o dinamismo do processo civilizatório (tido como positivo e inevitável) e a resistência das sobrevivências culturais e atavismos etnológicos. Lança assim o brado de alarme que mostra a consciência da antinomia entre as duas tendências: “Estamos condenados à civilização. / Ou progredimos, ou desaparecemos”.¹⁷

(15) *Id. ibid.*, p. 23-24.

(16) *Id. ibid.*, p. 24-25.

(17) CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, p. 145.

A irrupção da incultura recebe uma explicação etnológica, de base racista, segundo a qual às raças corresponderiam estádios evolutivos distintos. Para Euclides, não haveria, devido à ausência de unidade de meio e raça, a definição concreta de um *tipo* antropológico brasileiro, existente apenas enquanto “tipo abstrato”, formado de um “entrelaçamento consideravelmente complexo”.¹⁸ Considerando a sociedade e a cultura brasileiras como produtos da fusão de elementos de origem européia, indígena e africana, interpreta o conflito entre Canudos e a República como efeito do choque entre dois processos historicamente diferenciados de *mestiçagem*: a “litorânea”, de que resultaria o *mulato*, a partir do cruzamento entre brancos e negros; e a “sertaneja”, marcada pelo predomínio da miscigenação entre brancos e indígenas. Partindo do pressuposto da inferioridade das raças não-brancas e da desvantagem relativa da mestiçagem, descaracteriza a hipótese de uma superioridade evolutiva das populações litorâneas, chegando a inverter a oposição entre litoral e sertão. O mestiço apresentaria, em sua opinião, *vantagem relativa* em relação ao mulato do litoral, advinda do isolamento da sociedade sertaneja e da ausência de componentes africanos, permitindo maior estabilidade e parcial autonomia da evolução racial e cultural: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos *mestiços neurastênicos do litoral*” (p. 179, grifos meus).

Euclides se afasta da perspectiva médica e etnológica de Nina Rodrigues, professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia, que escrevera em artigo de 1897 sobre os seguidores de Conselheiro, tidos como racialmente inferiores: “Serão monarquistas como são fetichistas, menos por ignorância, do que por um desenvolvimento intelectual, ético e religioso, insuficiente ou incompleto”. Nina Rodrigues opõe o *litoral*, reduto da civilização branca, ao *sertão*, dominado por uma população mestiça, infantil e inculta. E adverte sobre a necessidade de chamar os habitantes de Canudos “à obediência das leis da República”: “a luta havia de passar, forçosamente, da simples propaganda pela palavra para o terreno da ação pelas armas”.¹⁹

A tese de Euclides da Cunha sobre o caráter específico da miscigenação sertaneja lhe permite inverter as assimetrias iniciais, produzindo uma relativa valorização da nação *interior* (o país “real”) em relação à nação *em contato* com o exterior (o país “legal”), sendo localizados, na sociedade dos sertões, os contornos de uma “cultura nacional”, dotada de certa originalidade quanto aos padrões metropolitanos de civilização. Realiza-se a expansão da idéia de nação através da substituição de uma acepção *estrita* e exclusiva, identificada ao litoral e à civilização (sem incorporar o fenômeno sertanejo), por uma concepção *ampla* e inclusiva que integra, de modo problemático, cultura, contracultura e incultura.

Segundo Euclides da Cunha, o isolamento histórico da sociedade sertaneja teria permitido a preservação dos mitos sebastianistas e messiânicos, transmitidos com a colonização portuguesa. Difundida em Portugal a partir do século XVI com as trovas de Bandarra, a esperança na vinda de um Messias, posteriormente identificado ao rei D. Sebastião, capaz de assegurar a

(18) *Id. ibid.*, p. 143.

(19) RODRIGUES, Nina. A loucura epidêmica de Canudos: Antonio Conselheiro e os jagunços. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. xii, nov. 1897. Republicação in: _____ . *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939.

hegemonia da nação portuguesa, constitui reação coletiva a uma crise de consciência nacional, motivada pela percepção de ameaças ao poderio e à continuidade do império colonial, formulada por Luís de Camões no canto IV de *Os Lusíadas* (1572). O desaparecimento de D. Sebastião em "santa" batalha contra os mouros na África e a conseqüente perda de autonomia política de Portugal, anexado a Castela em 1580, reforçam o mito sebastianista acerca do retorno de um rei predestinado e messiânico que realizaria a redenção nacional. Essa tradição, preservada em Portugal até o século XIX, é reavivada em 1808 com a invasão das tropas napoleônicas de Junot.²⁰

As trovas de Bandarra e o messianismo sebastianista coincidem historicamente com os primórdios da colonização brasileira no século XVI, manifestando sua presença até fins do século passado.²¹ Nesse sentido, o movimento de Canudos constitui repotencialização do mito sebastianista, que adquire, através da expectativa de libertação de uma existência miserável, um caráter predominantemente social (e não nacionalista).

Nos sermões e prédicas de Antonio Conselheiro e em quadras de poesia popular, de que foram recolhidas por Euclides da Cunha versões manuscritas, formula-se a interpretação do sebastianismo comum aos habitantes de Canudos, articulando-se a visão interna à comunidade messiânica. Segundo esta interpretação, seria a implantação da República obra do Anti-Cristo e indício da chegada do *fim dos tempos*, em que ressurgiria Dom Sebastião, com seus exércitos, reinstaurando a Monarquia e fundando o Milênio:

" 'O Anti-Cristo nasceu
Para o Brazil governar
Mas ahi está o Conselheiro
Para delle nos livrar!"

'Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei do cão!" "

Nas prédicas do Conselheiro, que recebem versão escrita em meio ao conflito armado (seu manuscrito data de 1897, ano da destruição de Canudos), interpenetra-se o mito sebastianista à tradição católica, em especial o relato da paixão, desenvolvendo-se a identificação entre o sacrifício exemplar de Cristo e o extermínio iminente do grupo.²³ Conselheiro opõe o regime monárquico, cuja legitimidade derivaria de uma ordem transcendental,

(20) Para uma análise histórica do sebastianismo, cf. Azevedo, João Lúcio. *A evolução do sebastianismo* (1918). Lisboa, Clássica, 1947.

(21) QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo* (1965). São Paulo, Alfa-Ômega, 1976, p. 217-218.

(22) Segundo Cunha, Euclides da. *Os sertões*, p. 780. Para outras quadras de poesia popular coletadas em Canudos, cf.: _____ . *Caderneta de campo*. São Paulo, Cultrix, Brasília, I.N.L., 1975, p. 58-61. Sobre as formas de poesia oral, cf. Zumthor, Paul. *Introduction à la poésie orale*. Paris, Seuil, 1983.

(23) MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In: Fausto, Bóris (ed.). *História geral da civilização brasileira*, p. 70, v. III/2.

eterna e imutável, a formas políticas temporais, como a republicana, contrárias à religião e à vontade divina:

“a república quer acabar com a religião, esta obra-prima de Deus que há dezenove séculos existe e há de permanecer até o fim do mundo; porque Deus protege a sua obra”.²⁴

Daf prever a inevitabilidade da queda da República e do restabelecimento da Monarquia, fatos tidos como “verdades” tão seguras quanto o surgimento da “aurora” a “descobrir um novo dia”. Constitui-se, nos discursos do Conselheiro e nessas quadras de poesia popular, uma concepção cíclica e redentora do tempo, em oposição à representação linear-evolutiva adotada por liberais e republicanos. Trata-se do conflito entre periodizações distintas da história: por um lado, existe no discurso messiânico e sebastianista uma estrutura cíclica e redentora, centrada na idéia de *salvação* e de *retorno* a um estado ideal de comunicação entre Deus e os homens; por outro, na ideologia liberal-republicana, constrói-se um modelo do tempo histórico enquanto *evolução* necessária a partir de *ruptura* política exemplar e inaugural, representada pela instauração da República.

De acordo com a hipótese formulada em *Os sertões*, a introdução do sistema republicano e a desertificação dos padrões tradicionais de dominação patriarcal e estamental teriam criado uma situação de instabilidade social e política, fazendo as populações sertanejas regredirem, de forma “atávica”, a formas míticas de origem portuguesa, como o sebastianismo, e à bravura ancestral dos antepassados indígenas. A partir dessa reação regressiva, correspondente ao nível das estruturas de consciência a um retrocesso temporal, congregar-se-ia o grupo em estado de “multidão”, sob a liderança de Antonio Conselheiro. Formaram-se assim as condições para a irrupção da *incultura* (a barbárie primitiva) no interior da *cultura* sertaneja.

Quanto ao litoral e às capitais, a eclosão da barbárie é atribuída à agitação republicana e jacobina. Revelador, nesse sentido, é seu enfoque de um dos poucos acontecimentos “litorâneos” tratados no livro: as “jornadas jacobinas” no Rio de Janeiro. Criticando a idéia de um complot restaurador como construção coletiva imaginária, comenta Euclides a destruição dos jornais monárquicos por uma multidão aos gritos de “Viva a República” e “Viva Floriano”:

“As linhas anteriores têm um objetivo único: fixar, de relance, símiles que se emparelham na mesma selvaticueza. (...) E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos. / (...) A força da hereditariedade (...) arrasta para os meios mais adiantados – enlavados e encobertos de tênue verniz de cultura – trogloditas completos”.²⁵

(24) CONSELHEIRO, Antonio. Prédicas e discursos (1897). In: Nogueira, Ataliba. *Antonio Conselheiro e Canudos: Revisão histórica* (1974). São Paulo, Nacional, 1978, p. 175-177.

(25) CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, p. 373-374, grifos meus.

A construção de certa simetria entre o litoral e o sertão dá margem a dois tipos humanos, sínteses dos fenômenos inculturais dos respectivos domínios geográfico-sociais: o Coronel Moreira César, chefe militar da 3ª Expedição, e Antonio Conselheiro, o líder de Canudos. Ambos são caracterizados por uma verdadeira *sociologia patológica*, enquanto casos de “delírio sistematizado” (Conselheiro) ou de desequilíbrio “epiléptico” (M. César) que refletiriam “mal social gravíssimo” e a “instabilidade social” resultante da introdução do regime republicano (p. 206-207, 319-324).

Para Euclides da Cunha, o país se encontraria, à época do conflito de Canudos, nas mãos de um governo civil desprovido da “base essencial de uma opinião pública organizada” e agitado pelos florianistas, cujo “*entusiasmo suspeito pela República* se aliava a nativismo extemporâneo e à *cópia grosseira de um jacobinismo pouco lisonjeiro à história*”. A respeito da herança florianista assumida por Moreira César, escreve: “O fetichismo político exigia manípulos de farda. / Escolheram-no para novo ídolo” (p. 321, grifos meus). Estabelece-se, desse modo, correlação semântica entre os dois lados do conflito, impregnados do mesmo misticismo e atavismo: “A luta pela República, e contra os seus imaginários inimigos, era uma cruzada” (p. 454).

Apresenta *Os sertões* uma função política *antijacobina, antiflorianista e antimilitarista*, de maior importância no contexto da época do que a crítica ao liberalismo, enfatizada pela tradição interpretativa a respeito da obra. A denúncia do massacre cometido pelo Exército, junto com a revelação de seus diversos erros de avaliação política e militar, tem o objetivo de negar a legitimidade das pretensões revolucionárias e governamentais dos florianistas. Em dois artigos reunidos em *Contrastes e confrontos* (1907), “O Marechal de Ferro” e “A esfinge”, reforça-se sua oposição ao florianismo pela crítica à figura de Floriano Peixoto, da pena de um autor pouco inclinado ao retrato de individualidades.

Nos artigos iniciais de Euclides da Cunha, o modelo da Revolução Francesa apresentava uma significação mítico-ideológica, fornecendo respostas definitivas que atendiam, de forma conclusiva, às dúvidas e angústias acerca do desdobramento da “revolução brasileira”. Na campanha de Canudos, os oficiais se tratavam pelo título democrático de “cidadão”, posto em circulação pelos revolucionários franceses em nome da igualdade. Euclides menciona, em *Os sertões*, a salva de 21 tiros ao alvorecer, com que as tropas saudaram a “data de festa nacional” escolhida para o assalto a Canudos, o *14 juillet*, dia da tomada da Bastilha.²⁶

As incertezas coletivas são banidas pela atribuição de sentido fixo ao fato histórico, cuja contingência e indeterminação são reduzidas a distância efêmera quanto ao horizonte ideológico de um público inserido na tradição do liberalismo ilustrado. Adquire, dessa forma, a Revolução Francesa um caráter exemplar enquanto dupla estrutura semântica, simultaneamente *histórica e universal*: o modelo revolucionário se refere a acontecimentos passados, historicamente localizados; mas tais acontecimentos se convertem em esquemas dotados de eficácia permanente, projetados e aplicados a outros contextos histórico-sociais. Por meio dessa dupla estrutura, aproximam-se ideologias políticas e modelos de pensamento, como o liberalismo e a Ilustração,

(26) GALVÃO, Walnice Nogueira. *Gatos de outro saco*, p. 87-93.

de formas míticas de pensamento, fornecendo, a partir da referência a fatos pretéritos, modelos lógicos para a percepção das oposições e contradições do presente e para sua progressiva mediação e resolução.²⁷ No caso de Canudos, a interpretação da rebelião pelos republicanos e jacobinos como conspiração monárquico-restauradora se insere em uma recepção mítico-ideológica da Revolução Francesa, que provoca a paralelização de ambas as histórias nacionais.

Em *Os sertões*, rompe Euclides da Cunha com essa recepção (e projeção) mítico-ideológica do liberalismo, a partir da crítica a dois fenômenos distintos de mitificação histórica. Apesar da oposição entre critérios divergentes de periodização (representação cíclica e redentora do tempo vs. concepção linear-evolutiva), realizar-se-ia, por ocasião do conflito de Canudos, a convergência entre a versão monárquico-messiânica e a republicano-jacobina da história. Ambas se construiriam com base em uma recepção mítica dos fatos históricos, tais como o desaparecimento de D. Sebastião (cujo retorno se torna objeto de espera coletiva) e a fundação da República brasileira (cuja estabilidade estaria ameaçada pela rebelião conselheirista, supostamente apoiada por grupos monárquicos, ligados à família real e a potências estrangeiras). Posteriormente, no ensaio "Um velho problema", Euclides aprofunda essa ruptura, ao criticar a Revolução Francesa pela negação de seus princípios, devido à instauração e ao predomínio da "propriedade burguesa", manifestando sua adesão ao socialismo de Karl Marx.²⁸

Ao aproximar, como fenômenos políticos de significação semelhante, o messianismo sebastianista e o patriotismo republicano, Euclides constrói uma estrutura semântica diferenciada, que projeta a sua obra além dos paradigmas liberais. Trata-se, segundo sua interpretação, da *irrupção simétrica da barbárie*, tanto no litoral quanto no sertão, enquanto resistência ao processo civilizatório e ao projeto de universalização do modelo liberal. Desperta, em Euclides da Cunha, a consciência "trágica" do desvio entre o modelo da Revolução Francesa e a sua internalização na história brasileira, levando à definição de uma *identidade diferenciada*. Essa identidade diferenciada encontra expressão na idéia e conceito de "cultura nacional".

5. A IDENTIDADE NACIONAL COMO PROBLEMA.

A relação entre o narrador Euclides da Cunha e a realidade de Canudos e a sua "reviravolta de opinião"²⁹ podem ser interpretadas enquanto processo de redefinição de identidade cultural. Em Euclides e na intelectualidade brasileira e latino-americana do último terço do século XIX, a ruptura com o paradigma da história universal e a desarticulação de uma identidade "clássica" se dão de forma ambivalente e contraditória, gerando ao nível da consciência cultural uma *identidade problemática*. O caráter problemático desse processo de construção de identidade social se deve ao impasse gerado pela percepção dos limites e obstáculos à reprodução, na América Latina, da his-

(27) LEVI-STRAUSS, Claude. *La structure des mythes*. In: _____ . *Anthropologie structurale* (1958). Paris, Plon, 1974, p. 231.

(28) CUNHA, Euclides da. *Um velho problema*. In: _____ . *Contrastes e confrontos*.

(29) GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos; Ensaio crítico*. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

tória a européia (ou norte-americana) e pela conscientização da necessidade de substituir o paradigma da história "universal" por novos modelos de apreensão da nação e de redefinição de seu relacionamento com outras realidades e culturas nacionais.

Os movimentos de independência política na América Latina constituem momentos cruciais de difusão dos modelos das luzes e do progresso e de construção de identidade e consciência nacionais, através da elevação de antigas colônias à condição de nações e da promoção das elites locais à posição de estamentos ou classes dirigentes. Os progressivos embates, nas nações politicamente recém-constituídas, entre grupos e facções e os conflitos com as potências neocoloniais geram porém a percepção da existência de interesses divergentes no seio da sociedade nacional, levando à problematização de uma história difusionista. Produz-se, na consciência do ex-colonizado, de modo simultâneo, a *identificação* e a *rejeição* tanto da identidade do antigo colonizador quanto da do nativo original, revelando a tensão entre o projeto de integração à civilização e a construção diferenciada da idéia de nação.

Em *Os sertões*, essa identidade problemática ou em crise se manifesta na relação estabelecida entre a autodesignação e a designação do oponente, massacrado *do outro lado* da trincheira. A existência de um conflito armado e as condições peculiares em que se dá a "observação etnológica" determinam uma tensão máxima entre a cultura do narrador e a outra cultura, objeto do seu discurso. O paradigma naturalista e etnológico, monumentalizado nas partes "A terra" e "O homem", irrompe para dar conta das fissuras abertas pela desarticulação do sistema de referência do sujeito, preenchendo os vazios semânticos entre as duas ordens culturais em confronto.

Apesar do propósito de se identificar como "narrador sincero" ao objeto enfocado, Euclides manifesta forte distanciamento quanto aos padrões e valores da sociedade sertaneja, descrevendo Canudos como ajuntamento caótico e repugnante de casas, onde predominariam a promiscuidade moral e o coletivismo dos bens. O mesmo distanciamento se revela na abordagem dos escritos de Antonio Conselheiro, que comenta como "misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas", e das quadras de poesia popular, recolhidas junto às ruínas da comunidade, sobre as quais escreve: "Pobres papéis, em que a ortografia bárbara corria parelhas com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado".³⁰

A recriação ficcional do conflito de Canudos por Mario Vargas Llosa em *La guerra del fin del mundo* (1981) tende a reproduzir elementos negativos da "visão" de Euclides – como o destaque do "fanatismo religioso" dos conselheiristas, em detrimento de sua organização social e econômica – criticados pelos estudos sociológicos de M. I. Pereira de Queiroz (1965) e de D. T. Monteiro (1977).³¹ Embora não se deva interpretar uma obra de ficção a partir de critérios de fidelidade documental, pode-se questionar, no romance

(30) CUNHA, Euclides da. *Os sertões*, p. 221, 249.

(31) Para uma abordagem intertextual de *Os sertões* e *La guerra del fin del mundo*, cf. MacAdam, Alfred. Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: Meditaciones intertextuales. In: *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, 126: 157-164, 1984.

de Vargas Llosa, a significação do passado histórico e de sua reconstrução literária.

Se a relação etnológica pressupõe uma redefinição mínima dos padrões de observação e conceituação do sujeito, levando-o a pensar o específico à outra cultura e a relativizar seu próprio quadro de referência, a radicalidade do autor de *Os sertões* reside na preservação de um etnocentrismo elementar na abordagem da sociedade sertaneja e na concomitante ruptura com seus parâmetros iniciais, impedindo o retorno à cultura original, de extração liberal-republicana. Essa experiência de choque transforma em *problema* a constituição de identidade nacional, por meio da oscilação entre *identificação etnológica* e *distanciamento etnocêntrico* e pela dificuldade em estabelecer, através de positivities e negações, as margens de seu próprio campo semântico e cultural.

Desse conflito de identidade, derivam alguns dos aspectos mais originais do sistema literário e cultural na América Latina. Recalcados historicamente pela expansão de uma linguagem escrita apresentada como universal, os elementos culturais provenientes de grupos de expressão oral ou oriundos de outra tradição histórica retornam, de forma recorrente, nas culturas nacionais latino-americanas, fazendo surgir uma vertente antropológica, de que *Os sertões* constitui uma dentre diversas manifestações.³² Essas culturas nacionais apresentam a dupla função de legitimar, em termos ideológicos, o projeto civilizatório e de revelar, de forma crítica, as contradições não redutíveis ao modelo da história universal, intrínsecas a este projeto. Dentre as diversas conflagrações de grupos marginalizados do processo histórico, o conflito de Canudos tornou-se paradigmático, ao ter sido trazido, com seus impasses e paradoxos, para a consciência da cultura escrita por Euclides da Cunha.

Nas páginas finais de *Os sertões*, Euclides ironiza o etnólogo e médico legista Nina Rodrigues como representante da "ciência", encarregada de dar a "última palavra" sobre Canudos, através do exame do crânio de Condeheiro:

"Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência desse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura..." (p. 572, grifos meus).

Nina Rodrigues é responsável pela coleção de cabeças de bandidos e assassinos memoráveis, objetos de estudos criminalísticos segundo os métodos de Lombroso e Garofalo, na Faculdade de Medicina da Bahia. Quanto a Euclides da Cunha (morto em 1909, após tiroteio com o Cadete Dilermando, amante de sua mulher), seu cérebro – monumento de uma "memória" nacional – é conservado em formol no Departamento de Antropologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro, devido ao interesse em seu exame por Roquette

(32) RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México, Siglo XXI, 1982. Santiago, Silvano. Vale quanto pesa, A ficção brasileira modernista. In: _____ . *Vale quanto pesa; Ensaio sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Pinto, um dos fundadores da antropologia brasileira.³³ Euclides ou Conseq-
lheiro, o "gênio" ou o "louco", ambos têm como destino a vala comum da
ciência antropométrica da virada do século.

Recebido em 27 de julho de 1989

ABSTRACT

Euclides da Cunha's articles and reports on the Canudos conflict, written in 1897, and his book from 1902, Os sertões; Campanha de Canudos, are here analysed according to three aspects: a) the relationships between cultures and other cultures, b) the problematic constitution of national identity, c) the oscillation between ethonological identification and ethnocentric detachment. These aspects are related to the projection of the model of the French Revolution to national history in the first years of Brazilian Republic.

Key-words: Brazilian culture – oral literature – messianic movement – Brazilian Republic – French Revolution.

(33) Culto mórbido: Cidades disputam cérebro de Euclides da Cunha. In: *Veja*, São Paulo, 10 ag. 1983, p. 44.